**Poemas de Gregório de Mattos e outros**

Jerônimo Baía, *Fênix Renascida*

A uma Crueldade formosa

(Madrigal)

A minha bela ingrata

Cabelo de ouro tem, fronte de prta

De bronze o coração, de aço o peito;

São os olhos luzentes

(Por quem choro e suspiro,

Desfeito em cinza, em lágrimas desfeito),

Celestial safiro;

Os beiços são rubins, perlas os dentes,

A lustrosa garganta

De mármore polido;

A mão de jaspe, de alabastro a planta.

Que muito, pois, Cupido,

Que tenha tal rigor tanta lindeza,

As feições milagrosas,

Para igualar desdéns a formosuras,

De preciosos metais, pedras preciosas,

E de duros metais, de pedras duras?

Tomás de Noronha, *Fênix Renascida*

A uns noivos que se foram receber,

levando ele os vestidos emprestados

e indo ela muito doente e chagada

Saiu a noiva muito bem trajada,

Saiu o noivo muito bem trajado,

O noivo em tudo muito conchegado

A noiva em tudo muito conchagada.

Ela uma anágoa muito bem bordada,

Ele um capote muito bem bordado;

Do mais do noivo tudo de emprestado,

Do mais da noiva tudo de emprastado.

Folgamos todos os amigos seus

De ver o noivo assim com tanto brio,

De ver a noiva assim com tantos breus.

Disse-lhe o cura então: Confio em Deus.

E respondeu o noivo: E eu confio.

E respondeu a noiva: E eu com fios.

à sereníssima infanta de portugal,

d. isabel luísa josefa,

nascendo em dia de reis

Nasces, Infanta bela, e com ventura

Tão desigual a toda a gentileza,

Que vencendo o poder da natureza,

Venturosa fizeste à formosura.

Com tal estrela sobe a tal altura

A formosura posta em tanta alteza,

Que por nasceres pasmo da beleza,

Da pensão de formosa estás segura.

Nasceste filha enfim da bela Aurora,

Com graça singular, ventura clara,

Com estrela nasceste, ó feliz hora!

Nascer bela, e feliz é cousa rara:

Mas em ti Portugal venera agora

Uma estrela na dita, um sol na cara.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Eu vos retrato, Gregório,

desde a cabeça à tamanca

cum pincel esfarrapado

numa pobríssima tábua.

Tão pobre é vossa gadelha

que nem de lêndeas é farta,

e inda que cheia de anéis,

são anéis de piaçaba.

Vossa cara é tão estreita,

tão faminta, e apertada,

que dá inveja aos Buçacos,

e que entender às Tebaidas.

Tendes dous dedos de testa,

porque da testa à fachada

quis Deus, e a vossa miséria,

que não chegue a polegada.

Os olhos dous ermitães,

que numa lôbrega estância

sempre fazem penitência

nas grutas da vossa cara.

Dous arcos quiseram ser

as sobrancelhas, mas para

os dous arcos se acabarem,

até de pêlo houve faltas.

Vosso pai vos amassou,

porém com miséria tanta,

que temeu a natureza,

que algum membro vos faltara.

Deu-vos tão curto o nariz,

que parece uma migalha,

e no tempo dos catarros

para assoar-vos não basta.

Vós devíeis de ser feito

no tempo, em que a lua anda

pobríssima já de luz,

correndo a minguante quarta.